

RICHARD BESSEL

Alemanha, 1945

Da guerra à paz

Tradução

Berilo Vargas

Copyright © 2009 by Richard Bessel

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Germany 1945: from war to peace

Capa

Eliane Stephan

Preparação

Antonio Carlos Soares

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bessel, Richard

Alemanha, 1945: da guerra à paz / Richard Bessel; tradução
Berilo Vargas. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1592-1

1. Alemanha — História — 1945-1955 2. Alemanha —
História — 1933-1945 3. Reconstrução (1939-1951) —
Alemanha I. Título.

09-12554

CDD-943.087

Índice para catálogo sistemático:

1. Alemanha: Guerra e paz: História

943.087

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

<i>Mapas</i>	7
1. Introdução	15
2. Um mundo em chamas	24
3. Assassinato e devastação	59
4. Fuga para salvar a vida	77
5. Últimos dias do Reich	101
6. Vingança	150
7. O começo da ocupação	169
8. A perda do leste	207
9. Sociedades de desterrados	239
10. Visões de um novo mundo	270
11. A grande desordem	307
12. O custo da guerra e da paz	324
13. Conclusão: a vida depois da morte	365
<i>Notas</i>	381
<i>Bibliografia</i>	459
<i>Agradecimentos</i>	463
<i>Índice remissivo</i>	465

1. Introdução: ida e volta do inferno

O sentimento de catástrofe — para nós, portadores da estrela [de Davi], nove décimos de alegria, um décimo de medo; mas, mesmo quando se trata de medo, as pessoas dizem: “Melhor um fim terrível [do que não acabar nunca]” — é cada vez mais forte.

Victor Klemperer¹

Espero que agora tudo volte a ser como antes. É maravilhoso poder ficar deitado na cama à noite, em paz. Tomara que a guerra acabe logo, os soldados poderão voltar para casa.

Gerda J.²

À meia-noite, quando raiava o ano de 1945, a rádio alemã transmitiu a mensagem de Ano-Novo de Hitler ao povo alemão. Ele assegurava, mais uma vez, para um país que considerava a derrota inevitável, sua fé na vitória final, e a “confiança inabalável de que está chegando a hora em que a vitória finalmente virá para aquele que a merece acima de todos: o Grande Reich Alemão”.³ A reação popular à mensagem do *Führer* foi surpreendentemente positiva, embora os alemães tenham ficado desapontados com a ausência de detalhes sobre como alcançar a vitória, se com novas armas ou novas ofensivas, ou como deter a

campanha de bombardeios aliados, que causava tanta destruição nas cidades por todo o país.⁴ Menos de duas semanas depois, em 12 de janeiro, teve início a grande ofensiva soviética que determinou a sorte do “Reich de Mil Anos”. No fim de janeiro, a Wehrmacht sofreria mais baixas do que em qualquer mês de sua história, e o número de militares alemães mortos atingiria o cume de mais de 450 mil — bem acima dos 185 mil membros da Wehrmacht mortos em janeiro de 1943, o mês da derrota em Estalingrado.⁵ Foi a maior carnificina já vivida pela Alemanha. Esse banho de sangue abriu o ano de 1945; e com ele extinguiu-se aquilo que Marlis Steinert chamou de “última centelha de esperança” da Alemanha, acendida pela mensagem de Ano-Novo de Hitler.

No final de março de 1945, um relatório de inteligência, que parece ter sido preparado pelo Serviço de Segurança das ss, descreveu a opinião pública alemã nos termos mais sinistros. As esperanças de uma revanche tinham desaparecido totalmente. O colapso das frentes de batalha alemãs no leste e no oeste, o bombardeio aliado, a “desordem caótica dos transportes”, tinham produzido um clima de “desesperança generalizada”.

Uma grande parcela da população acostumou-se a viver apenas o momento presente. Faz render ao máximo qualquer vestígio de conforto que a vida lhes ofereça. Qualquer desculpa, que noutra situação pareceria trivial, é usada para justificar o ato de beber até a última gota a garrafa de vinho guardada para comemorar a vitória, o fim do blecaute, a volta do marido ou do filho. Muita gente já convive com a ideia de acabar com tudo. Em toda parte, é grande a procura por veneno, por uma pistola, por outros meios de pôr fim à vida. Suicídios, causados por depressão diante da catástrofe que certamente virá, ocorrem todo dia. O assunto que predomina nas conversas familiares e entre parentes, amigos e conhecidos é como planejar a vida sob ocupação inimiga. As pessoas separam o dinheiro economizado e procuram esconderijos seguros. Sobretudo os mais velhos se atormentam dia e noite com pensamentos sombrios, e, preocupados, não conseguem dormir. Desconhecidos discutem abertamente em veículos de transporte público coisas que, poucas semanas atrás, ninguém teria ousado imaginar.⁶

Seis semanas depois, aconteceram essas “coisas que, poucas semanas atrás, ninguém teria ousado imaginar”: a Wehrmacht se rendeu incondicionalmente e os exércitos aliados ocuparam toda a Alemanha. No lugar da vitória em que Hitler

dizia ter uma “confiança inabalável”, os alemães viram a derrota total. Nunca na história do mundo moderno um país fora derrotado de forma tão completa como a Alemanha nazista. No fim do “ataque [nazista] aos fundamentos da civilização”,⁷ a Alemanha estava em ruínas — política, social, econômica e moralmente.

Durante décadas, historiadores examinaram, com impressionante minúcia, a trajetória catastrófica da história da Alemanha moderna, para explicar como um país desenvolvido, uma nação culta, pôde abandonar valores democráticos e civilizados, desencadear guerras brutais de pilhagem e violência racista, embarcar em campanhas organizadas de matança coletiva sem paralelo na história humana, e levar o bárbaro projeto nazista a um fim catastrófico e suicida. Em resumo, temos nos preocupado em explicar como a humanidade na Europa Central mergulhou no abismo da tirania, da violência, da guerra e do genocídio. No entanto, essa não é, nem de longe, a história toda, e nos últimos anos tem-se dedicado mais atenção também ao fim da Alemanha nazista. Tão importante quanto entender como as pessoas mergulharam nos horrores do nazismo e da guerra é compreender como emergiram do outro lado, como conseguiram superar o passado.

O buraco de onde os alemães tiveram de sair em 1945 era bem profundo. Depois que a Alemanha nazista submeteu povos, em todo o continente europeu, a uma violência terrível, os próprios alemães, sobretudo nos últimos estágios da guerra, foram expostos à barbárie. O país tinha sido alvo de uma campanha de bombardeios sem precedentes em seu poder de destruição, que atingiu o auge no começo de 1945 e matou quase meio milhão de pessoas.⁸ Os bombardeios, a evacuação de cidades ameaçadas pelo ataque aéreo aliado, a fuga para o oeste de milhões de alemães à frente do Exército Vermelho e a subsequente expulsão de outros milhões depois da rendição da Wehrmacht deixaram ao desabrigo pelo menos um quarto da população alemã. O império dos campos de concentração nazistas tinha se degenerado numa série de pontos de coleta, onde não se atendiam às necessidades, ou nem sequer se garantia a sobrevivência dos prisioneiros, com consequências previsivelmente horrendas. O sistema político nazista desabou, e o que dele restava na primavera de 1945 foi abolido pelas potências aliadas de ocupação. Milhões de soldados alemães tinham sido mortos ou feridos, e havia outros milhões nos campos de prisioneiros de guerra dos Aliados. O sistema de transportes do país estava, em sua maior parte, paralisado; o fornecimento

de eletricidade e de gás fora cortado; os sistemas de telecomunicações deixaram de funcionar, e os de água e esgotos sofreram severos danos; os alimentos eram escassos, e muita gente corria o risco de desnutrição; as doenças proliferavam e os serviços médicos foram seriamente prejudicados. Longe de serem os donos da Europa, os alemães passaram a ser governados pelos exércitos de ocupação. Um povo que fora educado no racismo e conquistara um continente, submetendo seus habitantes à violência assassina em escala industrial, teve de fazer a transição para o pós-guerra nas circunstâncias mais desfavoráveis.

Essa transição é a dobradiça sobre a qual gira a história da Alemanha e da Europa do século xx: da mais terrível explosão de violência da história mundial ao começo de um período caracterizado (ao menos na Europa Ocidental) pela paz e pela prosperidade. Depois da experiência de destruição, derrota, doença, morte e pobreza numa escala inimaginável, os alemães deram seus primeiros passos no caminho que levaria a um governo democrático estável, à prosperidade num nível superior ao que podia imaginar a maioria das pessoas antes da Segunda Guerra Mundial, e a um comportamento pacífico e civilizado.

A Alemanha, de fato, desceu aos infernos e, em 1945, começou a emergir; a pacífica segunda metade do século xx repousou nas cinzas da primeira.

Como explicar essa notável transição — o momento decisivo do século xx na Europa, assim como da vida de milhões de indivíduos? É necessário buscar resposta para essa pergunta — tema central deste livro —, pois foi enorme a violência que se abateu sobre a Alemanha no último ano da guerra.⁹ No início de 1945, o país assistiu à maior onda de matança que o mundo já vira, quando as baixas militares alcançaram seu ponto mais alto, a campanha de bombardeio aliado chegou à intensidade máxima, e milhões de alemães fugiram para o oeste, à frente do Exército Vermelho. A violência que os alemães sofriam em sua vida diária foi um choque drástico, que afastou para o fundo da memória suas lembranças das fases anteriores da guerra, quando estavam em posição vantajosa e eram com mais frequência perpetradores de violência do que suas vítimas. Os efeitos do choque de violência, do trauma que 1945 significou para milhões de alemães, dificilmente podem ser superestimados.

Isso precisa ser compreendido no contexto da ascensão e da queda do Estado racial nazista. O choque experimentado pelas pessoas, quando se tornaram

vítimas de uma violência em escala gigantesca e da completa derrota militar, foi maior ainda depois da experiência de uma ditadura que propagara a ideia da superioridade racial alemã e fora muito bem-sucedida em subjugar outros povos. A reação popular ao que ocorrera em 1945, assim como as opiniões daqueles que ainda mandavam no regime nazista quando ele ruía, tinham sido condicionadas pela tremenda fé no líder, pela cumplicidade generalizada com os crimes cometidos (com o qual milhões de pessoas lucraram direta ou indiretamente),¹⁰ e pela ampla concordância com muitas das hipóteses ideológicas que serviam de base ao regime: que o governo democrático, na forma do “sistema” de Weimar, fora um caótico fracasso; que os alemães e sua cultura eram superiores a outros povos e culturas, sobretudo do Leste Europeu; que — nas palavras de um volume de propaganda publicado logo depois da campanha da Wehrmacht na Polônia em 1939 — as forças de combate da Alemanha eram formadas pelos “soldados do melhor Exército do mundo”;¹¹ e que os alemães deveriam compartilhar o sentimento que Friedrich Meinecke, decano da profissão histórica alemã e, posteriormente, reitor fundador da Universidade Livre de Berlim, descrevera para um colega pouco antes da conquista da França em 1940, como um misto de “alegria, admiração e orgulho diante deste Exército”.¹² A rápida recuperação econômica e os espantosos êxitos diplomáticos da década de 1930, os surpreendentes triunfos militares durante a primeira metade da guerra, e o fato de que os alemães tinham sido capazes de comer relativamente bem durante o conflito, graças à brutal exploração de um continente conquistado, tornaram o completo colapso militar e a extrema violência que se abateu sobre eles em 1945 — a súbita transição do poder à impotência — ainda mais arrasadores. Em consequência, quase nada restou de um movimento e uma ideologia que haviam tomado conta da Alemanha durante doze anos.

Assim, em 1945 os alemães foram transformados de protagonistas ativos em observadores passivos de seu próprio destino. Um povo que se acostumara a mandar nos outros agora se sentia impotente, sujeito às regras de potências estrangeiras. A ocupação e a administração da Alemanha pelos Aliados, que tiraram importantes decisões das mãos dos alemães, foram vitais na notável mudança de mentalidade ocorrida naquele ano. A saída do nazismo e da guerra para um mundo de paz e prosperidade muito se deve ao fato de que, depois de maio de 1945, os alemães não tiveram permissão para governar a si próprios durante anos. Isso foi um forte contraste com o que ocorrera após o armistício

de novembro de 1918. Naquela época, os alemães tinham sido derrotados no campo militar, mas infelizmente não haviam ficado impotentes. Não lhes haviam tomado o Estado, o Exército, as instituições policiais; seu país — salvo pequenos pedaços de território no leste e no oeste — não fora ocupado por exércitos estrangeiros; e ainda puderam governar a si próprios, o que fizeram muito, muito mal. Todavia, depois da rendição incondicional de maio de 1945, e da ocupação de todo o país por Forças Armadas estrangeiras, as coisas mudaram: aos alemães não restou quase nenhuma oportunidade de moldar o futuro para além da luta diária pela sobrevivência.

A violência e sublevação dos últimos meses de guerra e dos primeiros meses de ocupação desorientaram os alemães também em outros sentidos. Os pontos fixos da vida de milhões de pessoas foram abolidos, física e emocionalmente. Cerca de 26 milhões de alemães tinham perdido suas casas nos bombardeios, ou porque haviam fugido, ou sido expulsos. Aqueles que ainda tinham onde morar eram, em geral, submetidos à mais severa superlotação, ou obrigados a morar em edifícios bastante danificados. Isso era mais do que a simples perda de um ambiente físico, com todos os problemas práticos decorrentes; significava também a perda de pontos de referência — de comunidade e de vínculos sociais e culturais. Significava, como disse Fritz Stern numa palestra dada em Berlim em 1995, sobre a “perda da *Heimat*”, não apenas a “perda de propriedades, de meios de subsistência”, mas, principalmente, “a perda humano-espiritual” da segurança e da proteção, de algo que “também deixa a sua marca na, em grande parte, ‘inconsciente autoconfiança’ ou — para usar a expressão moderna — na identidade”.¹³

O cataclismo de 1945 abalou a “inconsciente autoconfiança” de milhões de alemães. Identidades coletivas, solidariedades sociais e o sentimento de lugar e de proteção foram minados. O terror do regime nazista, dirigido não só contra os outros, mas, cada vez mais, contra os próprios alemães durante os últimos meses da guerra, a fim de impedir o desmoronamento da resistência aos Aliados e a qualquer desafiante do moribundo regime, tornou quase impossível qualquer ação coletiva. A destruição da infraestrutura, com a paralisia dos transportes, dos correios e das telecomunicações, reduzia cada vez mais a esfera de atividade das pessoas a sua vizinhança imediata. A destruição das cidades alemãs, além de movimentar os milhões de cidadãos que deixaram suas casas, arrasou comunidades, relações profissionais e malhas sociais. Os problemas diários, como a luta

para obter alimento e abrigo, eram esmagadores. Vínculos familiares foram rompidos, já que milhões de homens estavam mortos, desaparecidos ou em campos de prisioneiros de guerra, e milhões de sobreviventes procuravam desesperadamente por parentes.

Não foi apenas o que aconteceu com os alemães, mas também a maneira como reagiram a suas dificuldades, o que desgastou seus laços coletivos e a “inconsciente autoconfiança”. A perda da família, dos amigos, das casas, de membros do próprio corpo, e de anos de vida, a serviço de uma causa criminoso e perdida, deixou como resultado um oceano de amargura. Ao mesmo tempo, o fato de que tanta gente — que tinha sido cúmplice e se beneficiado das ações de um regime racista e assassino — corria o risco de prestar contas aos Aliados vitoriosos levantou o problema da culpa, e de lidar com o difícil passado. E a imposição do domínio aliado trouxe outras razões de insegurança, que iam do medo da violência perpetrada pelos soldados das forças de ocupação, ao medo de ser preso pelas novas autoridades. Em geral, a população alemã estava abatida física, econômica e psicologicamente, numa dimensão sem precedentes na história recente.

A forma como os indivíduos viveram os acontecimentos de 1945 dependia, em grande parte, de sua idade naquela época. Os bombardeios, as privações, a ocupação aliada, a fuga e a expulsão do leste afetaram, é claro, tanto os jovens quanto os velhos; os que tinham nascido e sido educados na época do *Kaiser*, assim como os nascidos durante o período de Weimar e educados sob os nazistas, e aqueles que ainda eram crianças quando a guerra acabou. Apesar disso, o lugar ocupado por 1945 na biografia de cada um variava bastante, dependendo se a pessoa tinha nascido, digamos, em 1880, 1900, 1920 ou 1935.

Os nascidos na década de 1880 viam o cataclismo de 1945 contra o pano de fundo de uma infância e criação no relativamente estável e próspero Império Guilhermino, um mundo de uma aparente paz e segurança que seria despedaçado pela Primeira Guerra Mundial, a derrota em 1918 e a crise da República de Weimar, seguido pelas esperanças estonteantes e pelas terríveis catástrofes do domínio nacional-socialista. Essa era uma legião que, num mundo mais estável, aspiraria a uma tranquila aposentadoria em 1945. Os nascidos depois de 1900 viam as coisas de outra maneira. Deles faziam parte homens que formavam a “geração dos sem limite”,¹⁴ aqueles que se aproveitaram das extraordinárias oportunidades oferecidas pelo Terceiro Reich e fizeram espantosas carreiras no

assassinato e na guerra. Eram pessoas que, em tempos mais tranquilos, teriam assumido cargos de responsabilidade e autoridade no fim da década de 1940. As experiências e perspectivas dos nascidos em torno de 1920, logo depois da Primeira Guerra Mundial, também eram diferentes. Foi mais agudo seu sofrimento diante do resultado do nazismo e da guerra. Esse grupo consistia de legiões cuja metade dos homens não passava dos vinte anos, e cujas mulheres, conseqüentemente, tinham pouca chance de encontrar um parceiro para toda a vida, depois que a poeira baixou em 1945. Os sobreviventes dessa geração que nasceu na República de Weimar, que vivia em crise, e chegou à idade adulta sob o governo de Hitler, sofreram mais duramente o choque de 1945 — pessoas que tiveram seus primeiros anos da vida adulta roubados, seja pelo serviço militar, pelo campo de prisioneiros, pelas mutilações da guerra, ou pela ausência de parceiros.

Finalmente, os nascidos da metade para o fim da década de 1930 viveram a guerra como crianças; o mundo da sua infância e suas primeiras lembranças consistiam, em geral, em bombardeios, desabrigo, fuga e medo.¹⁵ Foi a geração de Manfred Uschner, nascido em 1937 e, durante os anos 1980, um dos principais funcionários do Partido da Unidade Socialista (secretário particular de Hermann Axen, membro do Politburo) na República Democrática Alemã. Aos sete anos de idade, Uschner viu a avó ser queimada viva durante o bombardeio de Magdeburg, em 16 de janeiro de 1945, experiência que, segundo ele, fica “impressa a fogo dentro de nós para sempre” e sobre a qual, meio século depois, ele escreveria: “Nunca me livre dela”.¹⁶

Para os alemães mais velhos, a experiência de 1945 foi profundamente afetada por lembranças de 1918. Eram frequentes as comparações entre o que acontecia no fim da Segunda Guerra Mundial e o que tinha acontecido no fim da Primeira. Nas últimas semanas da Segunda Guerra, muitos alemães se convenceram de que — como disse um deles, sussurrando, num abrigo antiaéreo de Berlim no fim de março de 1945 — “se nossos soldados fossem tão espertos como em 1918, a guerra já teria terminado”.¹⁷ E, depois que terminou, muitos sem dúvida tinham opinião igual à do dr. Rudolf Paul, ministro-presidente da Turíngia, nascido em 1893, que em 1946 disse que “o colapso de 9 de novembro de 1918 foi uma tempestade num copo d’água em comparação com o tufão de 1945”.¹⁸ A escala e a intensidade da violência, a extensão da destruição e a totalidade da derrota, fizeram de 1945 um ano bem diferente de 1918.

O “tufão” de 1945 não foi uma tempestade falsa. Foi a consequência da determinação dos líderes nazistas de garantir que não se repetiria o armistício que pusera fim à Primeira Guerra Mundial para a Alemanha. Desta vez, juravam eles, a Alemanha lutaria até o fim. Pouco importava que não houvesse esperança de evitar uma derrota catastrófica: as últimas batalhas sangrentas preparariam o cenário de lutas futuras; quanto maior a destruição, maior seria a inspiração para futuras gerações. No entanto, em vez de fornecer inspiração para a próxima guerra, a catástrofe de 1945 fez exatamente o contrário: predisps a população ao pacifismo. O choque do cataclismo de 1945 tornou possível uma transição muito diferente da que se seguiu à Primeira Guerra Mundial. A história desse choque e dessa transição é o assunto deste livro.